

MUSEU
HISTÓRICO
NACIONAL

Volume 37 2005

10 anos

Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

ANAIIS

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

Volume 37

Edição alusiva aos 10 anos do lançamento da nova série
dos Anais do Museu Histórico Nacional (1995 - 2005)

© 2005 ©

As opiniões e conceitos emitidos nesta publicação são de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente o pensamento oficial do Museu Histórico Nacional. É permitida a reprodução, desde que citada a fonte e para fins não comerciais.

Museu Histórico Nacional
Praça Marechal Âncora, s/nº
Centro – Rio de Janeiro – RJ
CEP: 20021-200

<http://www.museuhistoriconacional.com.br>

Capa: Campos Gerais / Washington Dias Lessa

Catálogo na fonte: Biblioteca do Museu Histórico Nacional

Museu Histórico Nacional (Brasil)

M986

Anais do Museu Histórico Nacional – Vol. 1 (1940) -

Rio de Janeiro: O Museu, 1940 --

v.:il.; 23cm

Anual

Suspensa a partir do volume 26(1975). Reiniciado em 1995 com o volume 27.

ISSN 1413-1803

1. Brasil-História. 2. Museologia. 3. Patrimônio Cultural Brasileiro - História. 4. Patrimônio Imaterial. 5. Museus -Tecnologia. 6. Museus - acervo. 7. Museu Histórico Nacional - Acervo 8. Museu Histórico Nacional - Exposições 9. Museu Histórico Abílio Barreto, Belo Horizonte - Acervo. 10. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro - Exposição. 11. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - museu. 12. Rio de Janeiro - Literatura. 13. Exposições Universais, século XIX. 14. Numismática 15. Oswald, Carlos (1882-1971). 16. Coleções - armaria. I. Título.

CDD 069.0981

Chuchu: uma patente de arma brasileira nas coleções do MHN

Adler Homero Fonseca de Castro

NOTA BIOGRÁFICA

ADLER HOMERO FONSECA DE CASTRO – Mestre em História. Pesquisador do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Curador de Armas Portáteis do Museu Militar Conde de Linhares.

RESUMO

Uma das origens dos museus militares em todo o mundo foram as coleções de armas usadas para experiências e avaliações – um processo que aconteceu igualmente no Brasil. Aqui os exemplares usados nessas experiências não foram preservados, perdendo-se uma parte importante da história nacional. Contudo, nem toda a história desse ramo de atividades foi perdida, já que uma pequena parcela desses exemplares foi levada a museus. Neste caso se encontram três armas projetadas pelo armeiro baiano Athanazio Chuchu em 1885, hoje em dia um dos poucos vestígios preservados da memória daquilo que se pode chamar de *pré-história* da indústria bélica nacional. Este artigo propõe-se a transformar esses objetos em história, traçando o pouco que se sabe sobre as armas e o armeiro.

PALAVRAS-CHAVE

Museu Histórico Nacional, coleções, artefatos bélicos, Athanazio Chuchu

*P*raticamente todos os países com exércitos razoáveis estão constantemente tentando se aperfeiçoar e se manter a par dos desenvolvimentos técnicos que ocorrem pelo mundo. Para isso, órgãos de pesquisa e desenvolvimento estão permanentemente acompanhando os estudos que ocorrem no mundo, nos mais diversos campos, desde tecidos mais adequados aos diferentes ambientes onde os soldados têm que operar, tipos de alimentação adequados aos soldados, serviços a serem executados até sistemas de comunicação por satélite. Naturalmente, um dos campos que mais atrai as atenções é o da pesquisa de equipamentos bélicos propriamente ditos – as armas.

Algumas vezes, essas armas em estudo são produtos estrangeiros; outras são de fabricantes e inventores locais. Algumas vezes, são idéias práticas e eficientes, adotadas como equipamentos militares por seus países. Outras vezes são idéias inviáveis, mais próprias a gerar risadas em uma revista cômica do que serem objeto de uma avaliação séria.

Os modelos mais sérios, muitas vezes, são testados por órgãos especializados, como o atual Instituto de Pesquisas e Desenvolvimento (IPD) do Exército ou a antiga Comissão de Melhoramentos do Material do Exército, órgão de

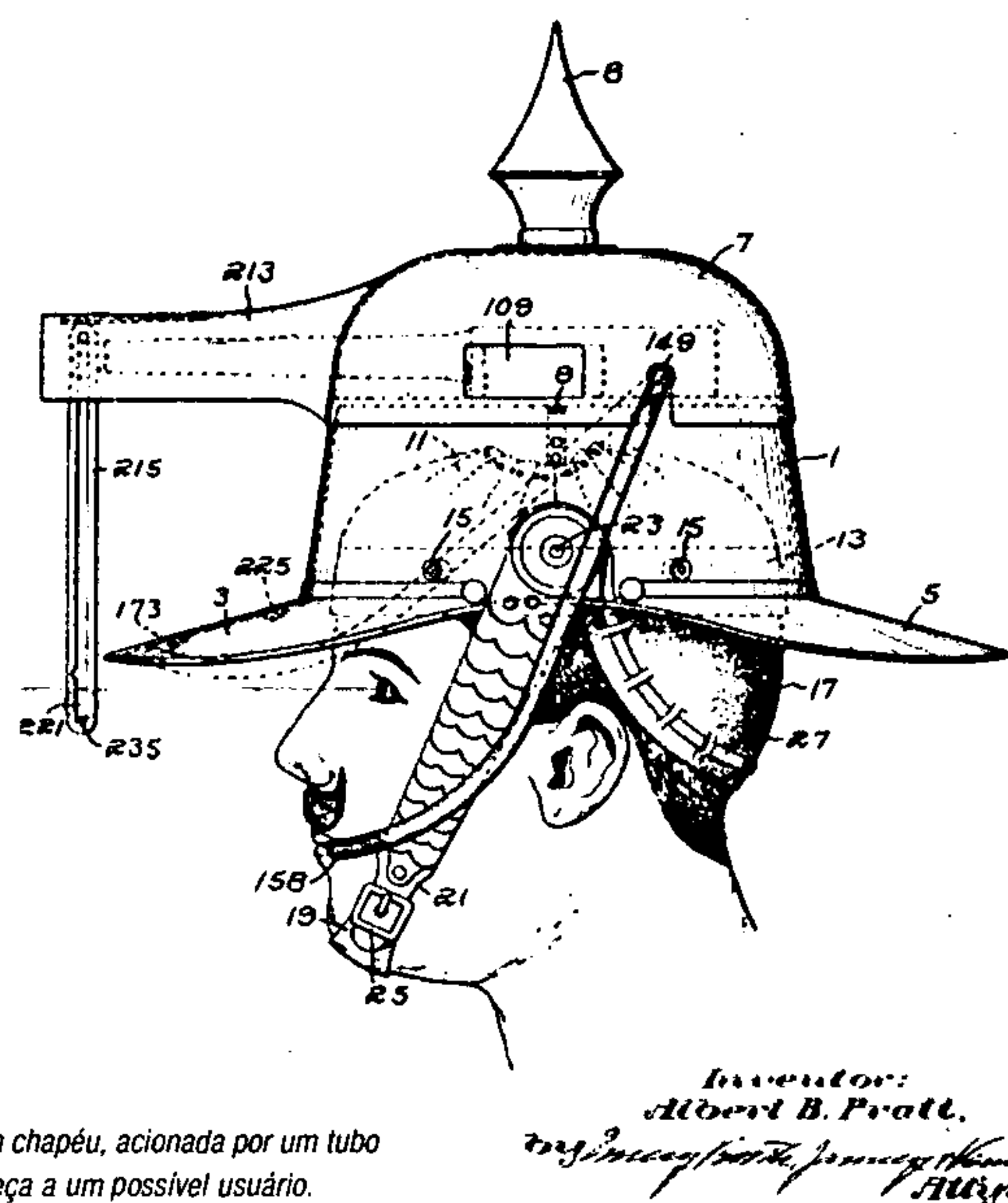


Figura 1 – Patente 1.183.492, de 16 de maio de 1916, EUA¹. Pistola acoplada a um chapéu, acionada por um tubo ligado à boca do soldado. Certamente um produto que traria grandes dores de cabeça a um possível usuário.

aperfeiçoamento tecnológico do século XIX. Uma vez avaliados, como dissemos, as armas podem ser adotadas, rejeitadas ou receber sugestões para aperfeiçoamento. Contudo, não importa esta avaliação, as armas e equipamentos usados nas experiências sempre são importantes para o estudo das técnicas e da própria ciência de um dado momento histórico, servindo como indicadores para se tratar da questão do desenvolvimento técnico-científico de um Exército e de um país.

Desta forma, normalmente os objetos que são testados para uma possível adoção, sejam bem sucedidos ou não, são mantidos em museus especializados, como um indicador das pesquisas que foram feitas ou, até, para servir como ponto de partida para novas pesquisas². Este é o caso do *Pattern Room*, de Enfield, Inglaterra, que contém inclusive armas brasileiras testadas lá, ou ainda o Museu do Arsenal de Springfield, nos Estados Unidos. No Brasil, com esta função de recolhimento de armas experimentais, houve uma série de instituições: a sala de modelos do Arsenal de Guerra da Corte (no prédio atualmente ocupado pelo Museu Histórico Nacional)³, o Museu Militar, inicialmente também vinculado ao Arsenal de Guerra da Corte, mas que passou mais tarde para o Asilo dos Inválidos da Pátria na ilha do Boqueirão, e os museus da Comissão de Melhoramentos do Material do Exército e o de Artilharia (este último um dos museus formadores do Museu Histórico Nacional, em 1922).

Infelizmente, o Exército brasileiro não tinha – e ainda não tem – uma política cultural sendo assim, que os museus do Exército têm uma história entrecortada, ao sabor dos gostos do momento. O Museu do Exército foi inaugurado e fechado diversas vezes – o que resultou em uma grande dispersão e perda de acervos históricos. Um exemplo dos problemas dessa falta de política cultural pode ser visto no caso do museu de armas da polícia de Santa Catarina, onde há uma metralhadora naval de múltiplos canos, experimental dos últimos anos do século XIX, desenhada e fabricada no Arsenal de Marinha. Não sabemos como ou por que ela foi parar naquele museu, mas certamente é uma arma que é relevante para a história da Marinha e que não tem importância para a polícia de Santa Catarina, que nunca a usou. A coleção de foguetes militares do Arsenal de Guerra foi enviada para o Museu da Cidade do Rio de Janeiro e de lá desapareceu.

Poderíamos continuar citando muitos outros exemplos de perda de material ligado à memória nacional – e falamos em perda real da memória nacional, pois esses objetos eram resultados da inventividade brasileira, muito antes do conhecido *boom* da indústria bélica nacional da década de 1980, uma história que hoje é de difícil recuperação.

Mas, se as perdas foram grandes, elas não foram totais. Algumas peças sobreviveram em museus, arsenais e salas históricas do Exército e, especialmente, no Museu Histórico Nacional. Este recebeu as coleções do Museu de Artilharia, extinto durante as comemorações do Centenário da Independência. Entre os objetos recolhidos então pelo MHN, estão três fuzis experimentais feitos na fábrica de armas da Conceição, a 3ª Seção do Arsenal de Guerra da Corte.



Figura 2 – Carimbo da Fábrica de Armas na Conceição – Arsenal de Guerra da Corte (AGC), que era estampado nas coronhas das armas fabricadas ou consertadas na fábrica que funcionou na velha fortaleza da Conceição de 1768 até 1902.

Estes três fuzis (carabinas, na nomenclatura do Império) são alguns dos vestígios materiais de uma fase da história das técnicas no Brasil – exemplares da produção de Athanaze Chuchu, o primeiro desenhista de armas a ter peças suas produzidas em série, 100 anos antes do grande desenvolvimento técnico da indústria bélica brasileira⁴.

A história das armas Chuchu, tal como representadas nas armas do MHN, é a seguinte: Athanazio, ou Athanaze, Chuchu⁵ era um armeiro baiano, filho de um francês da mesma profissão, que fundou uma loja de armas em Salvador no século XIX e a deixou para seu filho. Athanazio foi educado na Europa, fazendo seu aprendizado como artesão naquele continente e recebendo os conhecimentos necessários à continuação de suas atividades não só como armeiro ou vendedor de armas (era representante da fábrica belga *Labin et Théate*, de Liege), mas também como inventor.

Em 12 de agosto de 1884, Chuchu patenteou na Inglaterra, por intermédio de um agente, H. H. Lake, uma pistola “pimenteira”, de quatro canos⁶. Diz a tradição que essas armas de múltiplos canos tinham este

nome devido à semelhança que teriam com uma pimenteira que se usa nas refeições, por causa de seus muitos canos que lembram os furos deste implemento doméstico. Talvez também tenham recebido esse nome devido ao “sabor” picante de seu disparo. Deve-se observar que, tecnicamente, a primeira patente de Chuchu não era uma pimenteira clássica, em que os canos giram em torno de um eixo. No caso do desenho do baiano, os canos formavam uma caixa fixa e o que rodava era o percursor, o qual, cada vez que o gatilho era acionado, girava 90°, detonando um cartucho diferente. A pistola não tinha cão, só sendo acionada pelo gatilho.

Esse tipo de pistola não era novidade, pois já havia desenhos semelhantes em outros países, como a Sharp, de 1859, e um desenho de Lancaster muito semelhante ao de Chuchu. Mas a arma do brasileiro tinha algumas vantagens que justificavam sua fabricação: ela podia ser dobrada pelos canos, ficando estes colocados junto ao cabo, tornando-se a arma extremamente compacta e fácil de carregar em um bolso. Os cartuchos ficavam presos por meio de um retém especial, para não cair enquanto a arma estivesse sendo carregada dobrada.

A Chuchu alcançou um reconhecimento comercial limitado, pois chegaram a ser fabricadas na Europa algumas centenas de exemplares. As fontes mencionam armas com número de série na casa dos 300⁷, de vários calibres: .22", 5 mm e 11 mm, sendo que os exemplares existentes no Museu de Armas de Liege são muito pequenos, com cerca de 15 cm de comprimento, demonstrando que o projeto realmente destinava-se a produzir uma arma para ser carregada no bolso⁸.

Mas o armeiro não dormiu sobre os louros conquistados. Dois anos depois de patentear sua pistola, ele apresentou outra patente na Inglaterra para um fuzil de retrocarga (patente 3.543, de 12 de março de 1886), cujo resumo publicado transcrevemos abaixo:

Mecanismos de culatra, bloco girante. – o bloco da culatra gira em torno de um eixo abaixo e paralelo ao cano, de forma que depois de cada descarga ele é virado para o lado, para ejeção do estojo vazio e para o recarregamento. O bloco da culatra é exposto à parte, quando o bloco da culatra é mostrado separadamente em uma seção vertical, as peças estando em suas posições quando o bloco está pronto para ser virado para o lado! Um eixo transversal

passando através do bloco leva uma alavanca externa A, e um came de três braços interno, com três braços B, um dos quais arma o cão C, um segundo remove o percursor da face do bloco, e o terceiro D destina-se a comprimir e assim soltar uma alavanca de mola que normalmente age como uma segurança do gatilho. O ejeto é uma pequena alavanca pivotante em um eixo transverso, sua extremidade inferior recebendo um golpe de um pino projetado da face do bloco da culatra, quando este é voltado para o lado.⁹

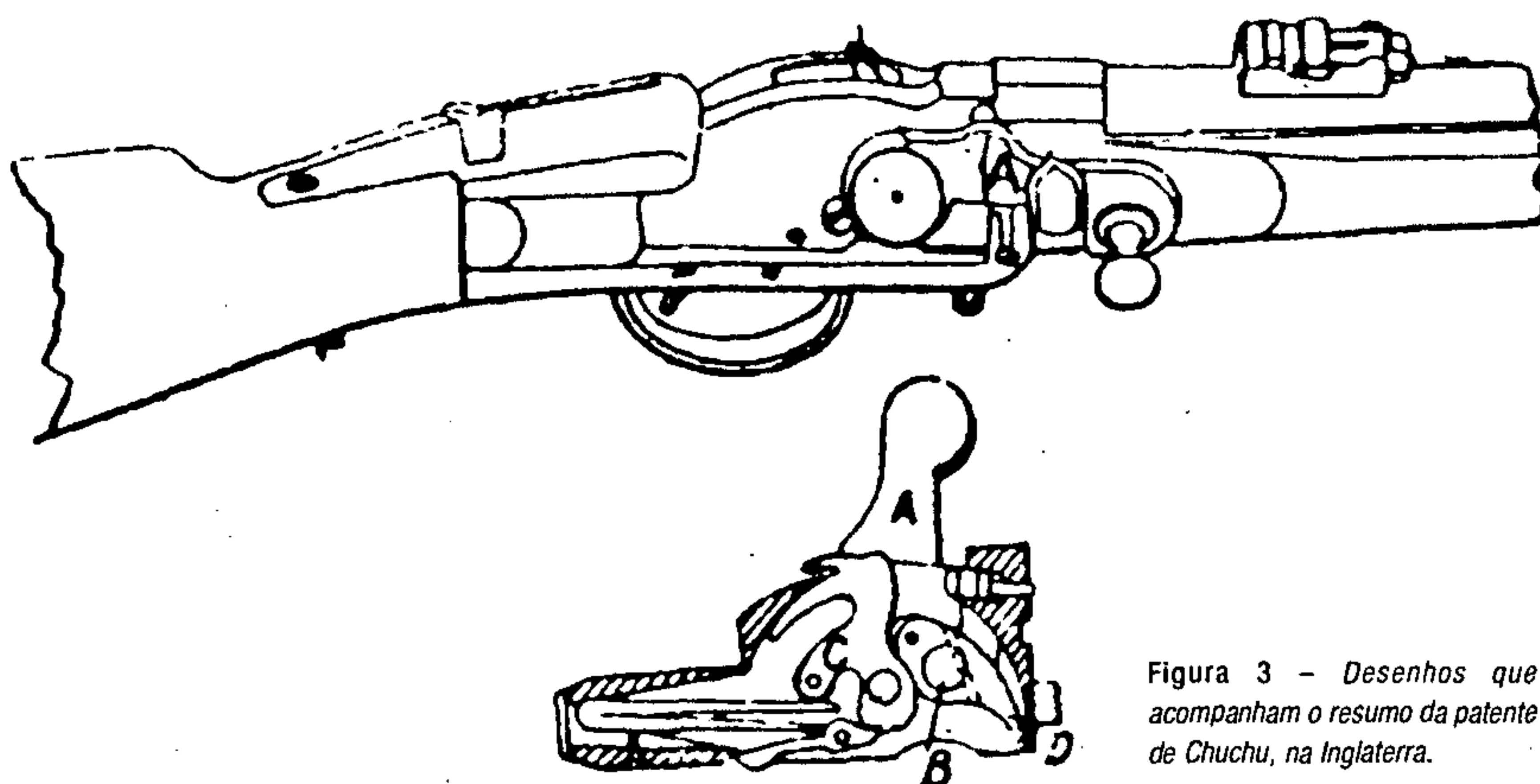


Figura 3 - Desenhos que acompanham o resumo da patente de Chuchu, na Inglaterra.

A arma, igualmente patenteada no Brasil (patente de 12 de fevereiro de 1886), teria as seguintes vantagens, segundo as palavras do inventor:

- 1ª Em uma arma de guerra, espingarda ou pistola, a combinação de uma caixa envoltória feita de uma só peça e com qualquer metal (...) com o maquinismo completo, denominado *Blocus-feixe* (...)
- 2ª A combinação de uma caixa envoltória e do mecanismo *Blocus feixe* assim especificados, com a chave G [letra "A" do desenho da patente inglesa] que reúne perfeitamente estas partes com o cano da espingarda ou pistola, e que ao abrir-se faz mover o extrator do cartucho conforme está representado (...)
- 3ª As combinações acima especificadas que tornam prático e pouco dispendioso o fabrico mecânico e uniforme desta arma, tornando-a superior e fácil a manobra, e desarmar e a limpar convenientemente, o que é de grande vantagem para as tropas em campanha: tudo como se acha acima [na patente] substancialmente descrito"¹⁰

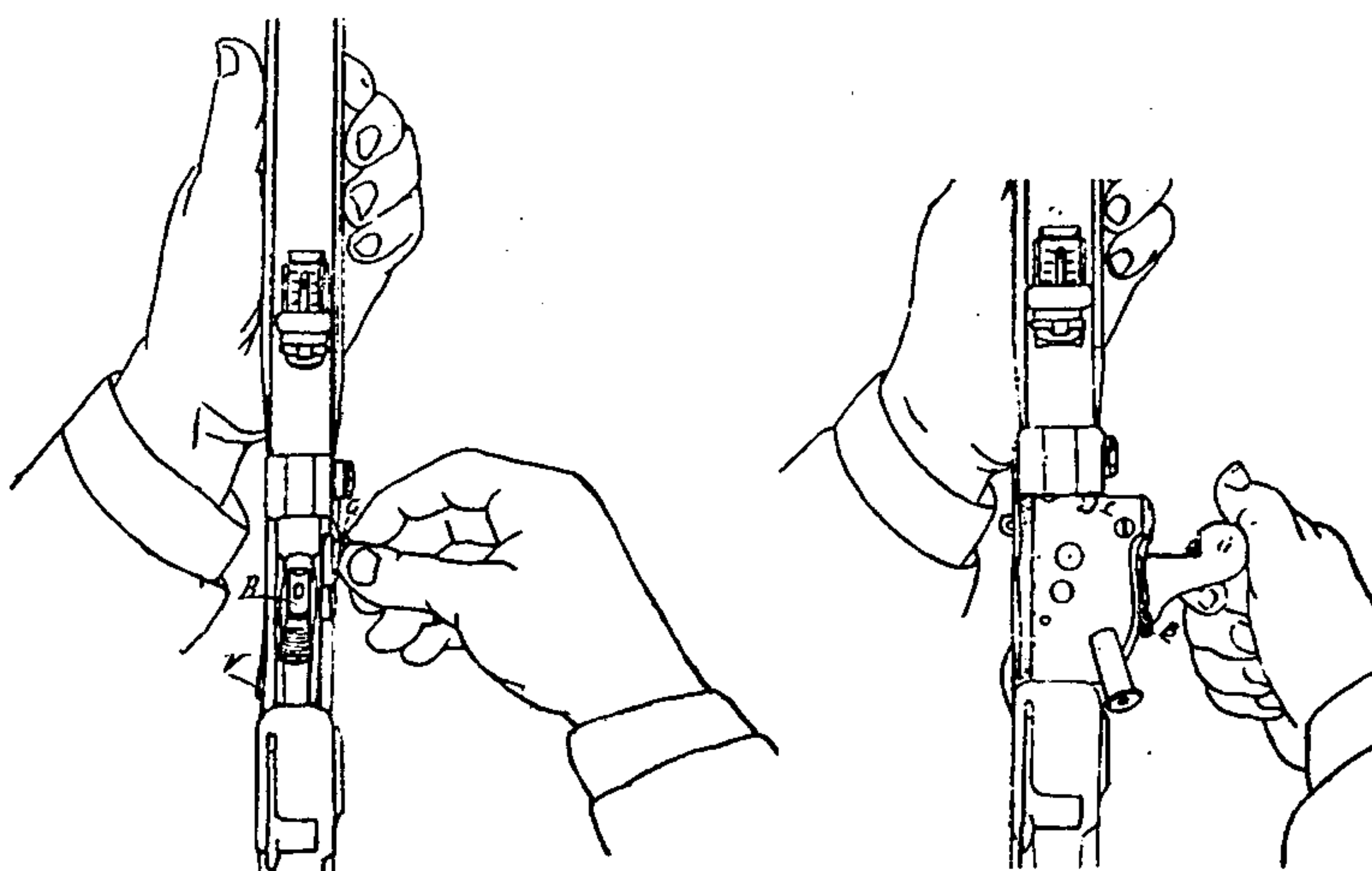


Figura 4 – Detalhe do desenho da patente brasileira de Chuchu, mostrando abertura do mecanismo e extração do cartucho.

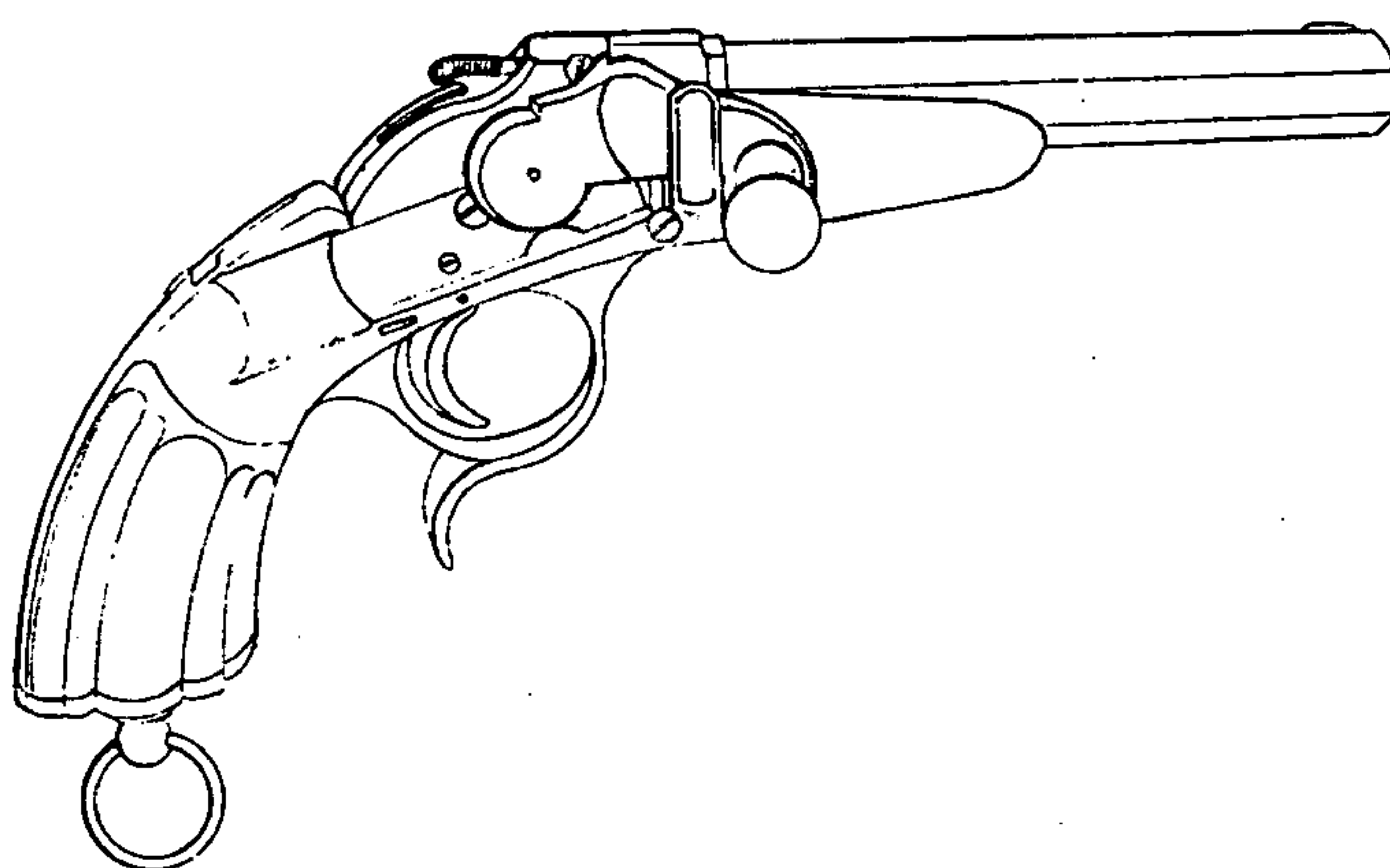


Figura 5 – Detalhe do desenho da patente brasileira de Chuchu, mostrando a pistola do sistema. Não se conhecem exemplares de pistolas deste tipo.

Uma primeira arma – um mosquetão feito artesanalmente pelo armeiro –, foi testada pela Comissão de Melhoramentos do Material do Exército, a pedido do Ministro da Guerra, a quem um exemplar tinha sido entregue pelo armeiro, como pode ser visto na passagem abaixo, da *Revista do Exército Brasileiro*, de 1886.

Na presença do inventor, membros da comissão de melhoramentos, pertencentes à Seção de Armas Portáteis e administração da Escola de Tiro [do Exército, em Realengo], foi no dia 19 de fevereiro, próximo passado, o *Mosquetão Chuchu*, submetido, na linha de Tiro do Realengo de Cam-

po Grande a diversas provas tendentes a demonstrar o merecimento da arma em questão, como arma de guerra.¹¹

Observe-se que a arma foi testada antes da obtenção da patente inglesa, mas logo após a apresentação do pedido de patente no Brasil. Os resultados dos testes foram bastante razoáveis, a arma atingindo uma cadência de 17 tiros por minuto (tiro rápido), ou o valor mais aproximado da realidade, de 12 tiros por minuto, apontados contra um alvo a 200 metros de distância. E isso com a ressalva da comissão de que o atirador destacado para os testes, um instrutor da Escola de Tiro, não conhecia a arma, de maneira que seria de se esperar resultados melhores com o aumento da familiaridade dos atiradores com o novo desenho.

No tocante à resistência, apesar dos poucos disparos executados (109 tiros), a Comissão só tinha elogios, conforme colocado no citado artigo:

As provas de resistência foram sobremodo favoráveis ao Sr. Chuchu.

Basta dizer que durante as experiências (...) nenhum acidente se deu; funcionando sempre, de modo mais lisonjeiro, o mecanismo da culatra-móvel; sendo notável a facilidade do manejo de fogo, ainda quando excessivamente quentes e, conseqüentemente, dilatadas as suas peças, por causa da rapidez e continuidade dos tiros¹².

Essa resistência era considerada admirável devido ao fato de o bloco da culatra do mosquetão usado nos testes ter sido feito a mão, com metais de qualidade inferior, pois Chuchu não dispunha de equipamentos adequados à fabricação industrial em sua loja. No tocante à segurança, a própria patente de Chuchu já apontava uma característica relevante – a arma tinha uma segurança interna, que não permitia o disparo com a culatra aberta. Este ponto, que pode parecer de menor importância hoje em dia, quando essa característica é considerada como obrigatória a qualquer desenho de arma, era fundamental no século XIX. Naquele período havia diversas armas, entre elas de fabricantes de renome, que permitiam o fogo com a culatra semi-aberta, gerando desagradáveis (quando não fatais) incidentes de tiro. Um exemplo desse defeito fatal é a Comblain belga, antes de ser redesenhada para adoção pela Guarda Cívica Belga e pelo Exército Brasileiro.

O artigo da Revista Militar Brasileira apontava apenas um problema no projeto de Chuchu – sua desmontagem podia ser feita usando-se apenas uma chave de fendas, mas esta era indispensável, ao contrário da Comblain então regulamentar no Exército, em que o bloco da culatra podia ser removido pelo soldado sem o uso de acessórios, permitindo que a arma fosse inutilizada no campo de batalha, caso se julgasse necessário.

Consideramos essa observação curiosa, pois o desenho da arma claramente foi feito para que o mecanismo pudesse ser removido *sem* essa chave de fendas. Como colocado na patente de Chuchu:

A arma caracteriza-se especialmente sobre os seguintes pontos:

1ª A grande simplicidade do maquinismo, facilitando a fabricação mecânica e uniforme.

2ª Deslocamento simultâneo sem necessitar de ferramenta alguma nem grande prática, o que fornece as seguintes vantagens:

1ª a sua conservação e limpeza, 2ª o pronto reparo no caso de desarranjo, 3ª evitar extravios no caso de arrecadação nos armazéns, 4ª possibilidade de inutilizá-la prontamente no caso de rendição ao inimigo.¹³

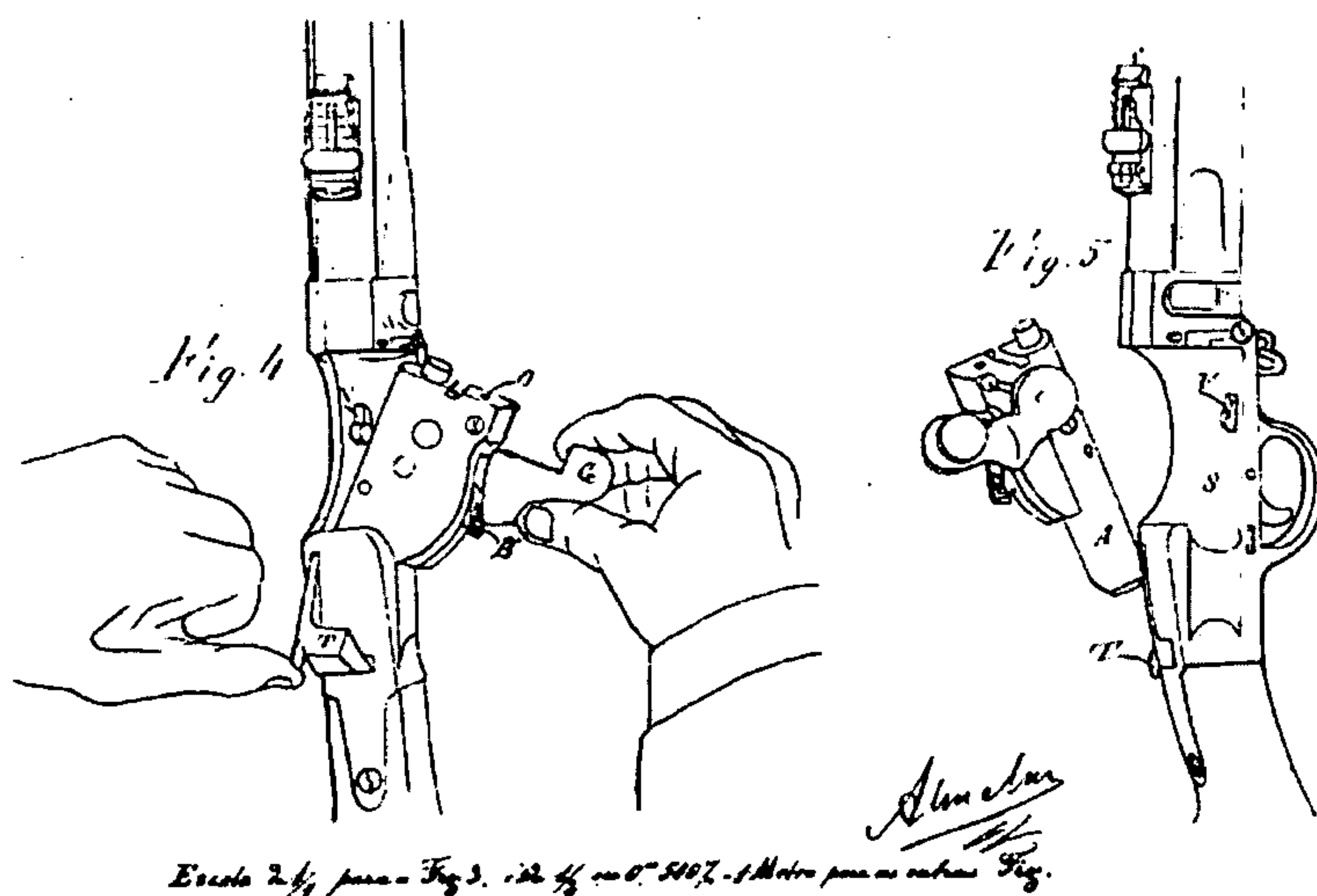


Figura 6 – Detalhe do desenho da patente brasileira de Chuchu, sobre a remoção do bloco da culatra, sem o uso de ferramentas. Observe a posição da trave "T". Esta seria movida para o lado do mecanismo nas armas regulamentares.

Mas o teste acima mencionado, feito pela Comissão de Melhoramentos, não foi o único pelo qual a arma passou no Exército. Logo depois a

portaria do Diretor do Arsenal de Guerra, seguindo instruções do Ministro da Guerra, ordenou que fossem modificadas seis carabinas Comblain segundo o sistema de Chuchu. Outra portaria, de 26 de março, determinou que uma dessas seis armas fosse ainda mais modificada, “seguindo as novas indicações do mesmo Sr. Chuchu, como foi por ele requerido (...)”.¹⁴

Não sabemos exatamente qual seria a modificação do desenho sugerida pelo armeiro baiano, mas as três armas do acervo do Museu Histórico Nacional parecem ser parte dessas carabinas modificadas. São baseadas na Comblain nº 2, mas com o mecanismo segundo o padrão proposto, é claro. Existe uma outra carabina, aparentemente semelhante às do MHN, no Museu da Academia Militar de Agulhas Negras, mas não conseguimos obter dados sobre ela¹⁵.

Há ainda uma carabina, que atualmente se encontra no *Enfield Pattern Room*, na Inglaterra, que também foi feita na Fábrica de Armas da Conceição e que parece ser uma do lote experimental, pois tem marcas semelhantes às das armas do Museu Histórico Nacional. Contudo, a peça do *Pattern Room* tem uma configuração diferente da patente inglesa, sendo o mecanismo idêntico aos mosquetões de modelo 1891, o que nos faz supor que seja de um lote posterior. Situação semelhante parece ser a de um mosquetão (mais curto que as carabinas anteriormente citadas), que faz parte da coleção particular do Sr. Aldo João Aberto. Esta não tem o calibre regulamentar das Chuchus produzidas posteriormente, apesar de ter a aparência destas¹⁶. Supomos que ela seja ou uma arma experimental ou

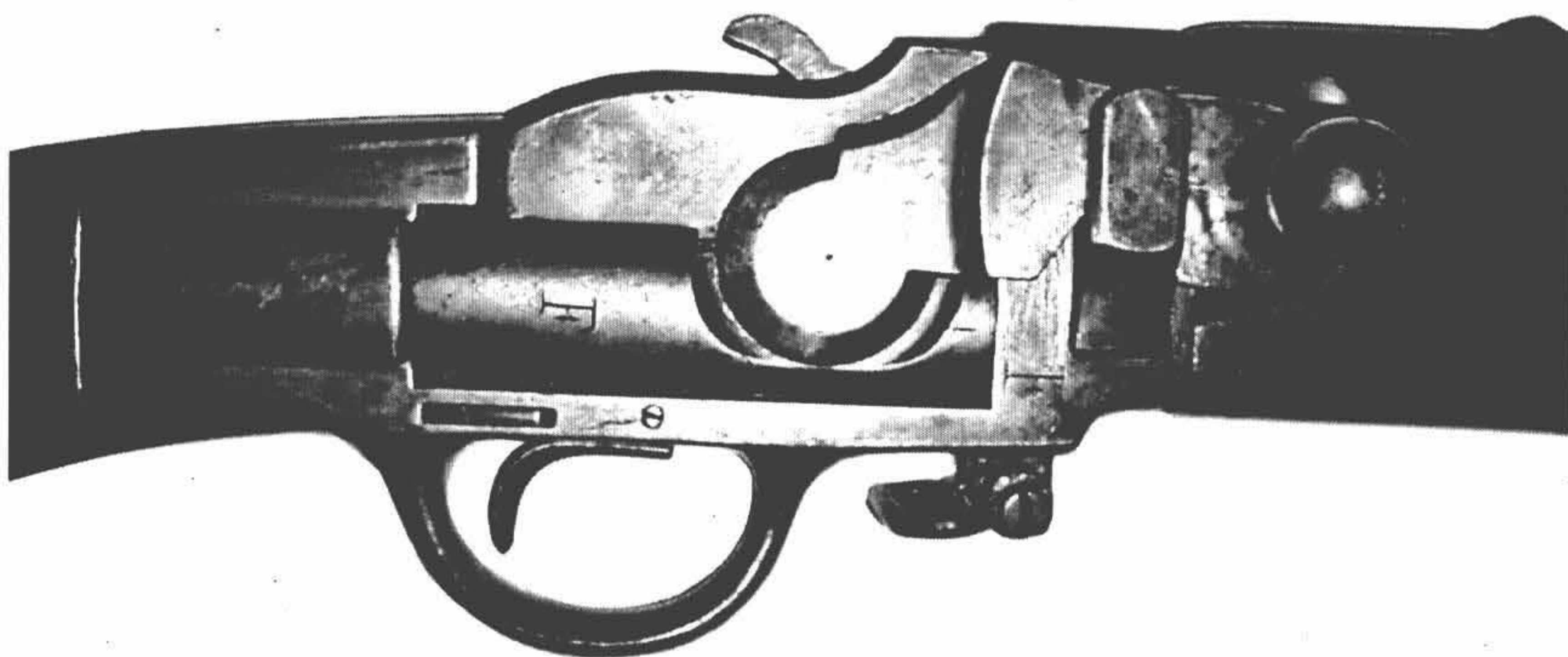


Figura 7 – Foto do mecanismo da arma do Museu Histórico (Peça SIGA 6126), idêntica aos desenhos de patente. Observe a letra F, marcada no bloco, indicativo de ser esta a sexta arma preparada no Arsenal de Guerra

um exemplar para venda no mercado civil. É uma pena, mas não temos dados maiores que possam levar a uma conclusão nem sobre a arma do *Pattern Room*, nem sobre a do Sr. Alberto.

Infelizmente não há maiores informações sobre essas armas experimentais, nem quais foram os resultados dos testes. As três carabinas que existem no Museu Histórico Nacional têm as letras D, E e F marcadas no mecanismo e 123,9 cm de comprimento (ligeiramente mais compridas do que as Comblain). As coronhas e canos são de armas Comblain, tal como ordenado nas portarias do diretor do Arsenal. Logo, seu calibre é de 11 mm e os canos têm 80 cm de comprimento. As alças de mira são reguladas até 1.400 metros e as armas recebem baionetas do padrão do Exército (iatagãs, com punho de latão, notando-se que no caso da arma estudada, a de número SIGA 6126, a baioneta certamente não é original da arma, por ser do modelo 1888 e ter bainha de aço, que era usada apenas nas carabinas Chassepot). Não sabemos o destino das outras três armas convertidas em 1886 no arsenal. No inventário de Gustavo Barroso, da década de 1930, há menção a seis peças do mesmo tipo no museu.¹⁷ É possível que a arma que se encontra hoje na Aman seja uma que foi permutada pelo MHN com o museu de lá, mas, como não tivemos resposta à nossa carta enviada a eles, nada podemos dizer a respeito.

Independentemente de maiores informações, podemos adiantar que a avaliação da Comissão de Melhoramentos do Material do Exército, encarregada do exame de qualquer arma apresentada para estudos, não deve ter tido resultados positivos do ponto de vista do inventor baiano. O Exército já estava armado com as Comblains e não contemplava de imediato qualquer mudança em seu armamento regulamentar, tanto que havia sido ordenada a conversão de mais uma grande partida de Comblains em 1885, para o padrão que é conhecido como “modelo 4”. Essa relutância em adotar uma nova arma é natural, especialmente considerando que o desenho de Chuchu apresentava poucas vantagens sobre a Comblain, a não ser do ponto de vista do orgulho nacional.

Mas se o Exército não adquiriu a arma, o fator orgulho nacional ainda assim teve seu papel: mesmo com a Chuchu não tendo sido considerada vantajosa o suficiente para ser adotada pelo Exército, ela o foi pela polícia

da Bahia, com o mosquetão modelo de 1891. Isto é uma decisão que só se entende por chauvinismo, pois, como dissemos, ela não apresentava vantagens marcantes sobre o armamento então em uso e, em 1891, já começavam a ser usados os cartuchos com pólvora sem fumaça, o que tornava o desenho obsoleto.

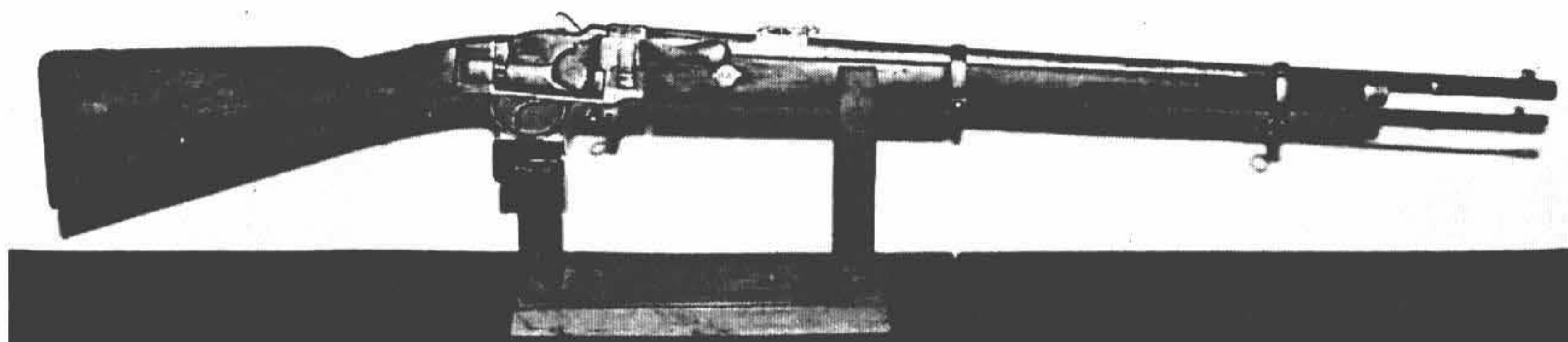


Figura 8 – Mosquetão da coleção particular de Aldo João Alberto, semelhante ao modelo da polícia da Bahia, mas diferindo em detalhes.

Infelizmente não conseguimos localizar o relatório do Governo do Estado da Bahia de 1891, que seria fundamental para se averiguar as razões que levaram à aquisição da Chuchu pela Polícia Militar daquele Estado. Sabe-se que, antes da Proclamação da República, o corpo policial estava armado com as antiquíssimas Minié – em serviço desde a Guerra do Paraguai. Sabe-se também que o Governo do Estado tinha tentado adquirir armas mais modernas – Comblains – junto ao Exército, iniciativa que não fora coroada de êxito, tendo sido ofertadas apenas mais Miniés de tiro simples e de carregar pela boca, totalmente obsoletas e mesmo estas em um estado tão lamentável que tiveram que ser recusadas¹⁸.

No entanto, em 1892, já há referências ao contrato com Chuchu, atuando como agente da fábrica *Lambin et Théate*, para o fornecimento das carabinas (encomenda que foi entregue até 1893). A encomenda original da polícia da Bahia foi de apenas 900 armas, sendo interessante apontar que esse número era insuficiente para equipar todo o corpo policial do Estado. O armamento novo só foi fornecido aos soldados servindo na capital do Estado e alguns poucos destacamentos no interior, o restante da tropa continuando armada com as Miniés. Aí encontramos a maior referência ao fato de a compra original ter sido motivada por motivos patrióticos: após a data de 1891, os relatórios dos comandantes da força policial são unânimes em apontar a necessidade de comprar novas armas, mas as opções apontadas sempre recaem em tipos usados pelo Exército –

Mannlichers (modelo da comissão de 1888) ou Comblains, como podemos ver abaixo, no relatório já do ano seguinte à compra das Chuchu:

Lembro-vos que há grande conveniência em uniformizar-se o armamento da polícia como o dos corpos de linha; o armamento que este corpos usam atualmente está condenado e já o governo da União trata de substituir pelo o do sistema Manulicher (sic). Não comportando o Estado semelhante despesa, pode-se ao menos fazer a aquisição de 600 ou 700 destas carabinas para armar-se a força da Capital, ficando o do sistema Chuchu para as praças destacadas no interior¹⁹.

Ou seja, as armas do sistema Chuchu ficariam relegadas a um serviço considerado pela polícia como sendo secundário. A solicitação de compra de armas mais modernas foi reforçada no ano seguinte:

Muito conviria armar-se o corpo [de polícia da Bahia] com armas Manulicher por ser (sic) de fácil manejo, visto faltar tempo ao soldado para aprendizagem de armamento complicado²⁰.

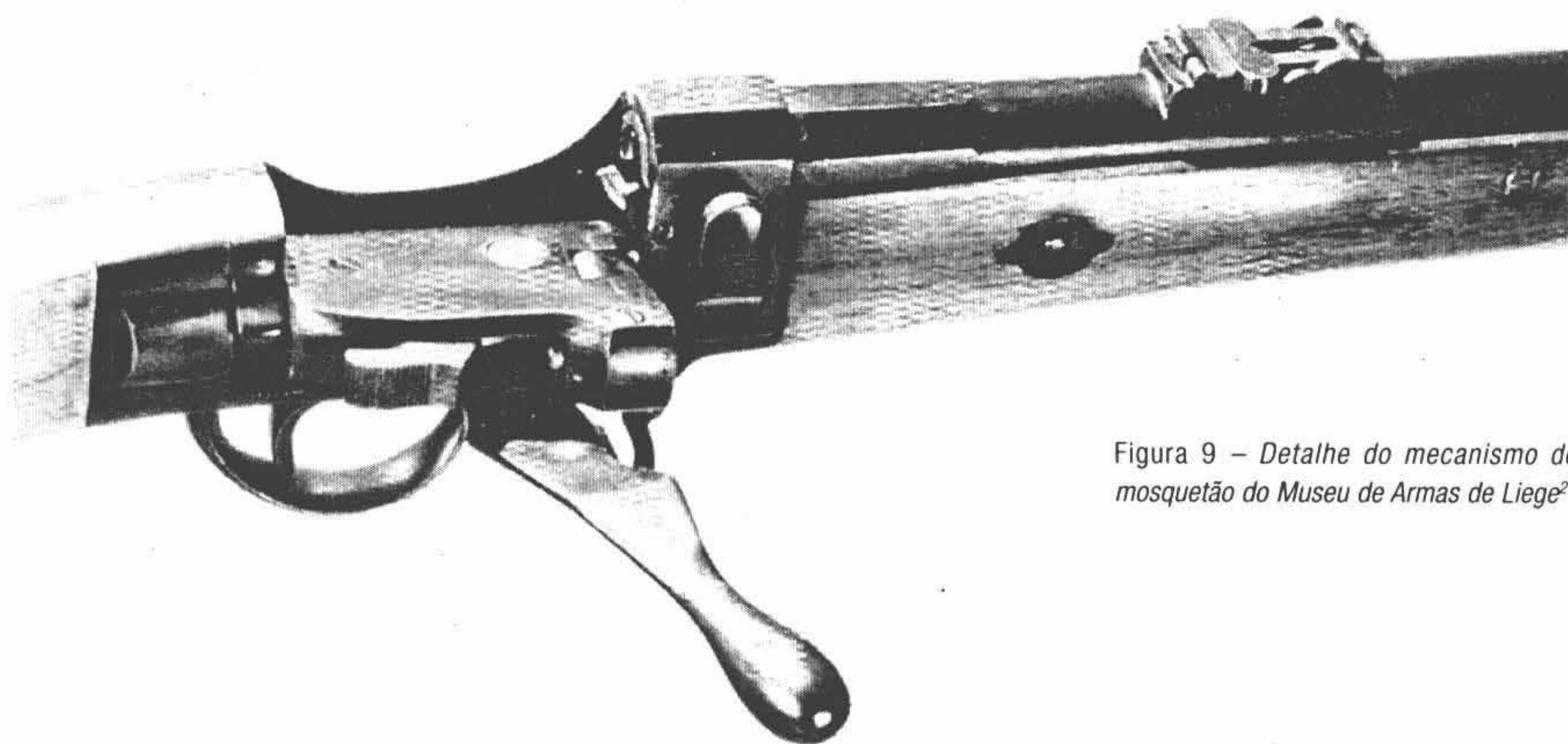


Figura 9 – Detalhe do mecanismo do mosquetão do Museu de Armas de Liege²¹

Naturalmente o Exército, que estava trocando seu armamento Comblain pelas Mannlicher, não tinha condições de ceder as armas solicitadas para uma força policial, de maneira que o pedido acima não foi atendido. Contudo, o governo baiano não desistiu, até conseguir comprar armas para substituir as antigas, como colocado em um dos seus relatórios:

Achando-se completamente imprestável o armamento a Minié, por se achar há mais de trinta anos em efetivo serviço e sendo insuficiente o

armamento do sistema Chuchu para o completo das praças de infantaria, foi autorizado por V. Ex. a aquisição de 800 carabinas Comblain, as quais foram cedidas pelo Governo Federal.²²

Ou seja, não se cogitou comprar mais armas do modelo 1891, mesmo porque essas eram mais caras do que as Comblain, vendidas a preços de ocasião pelo Exército, o qual as estava substituindo por outras armas, mais modernas.

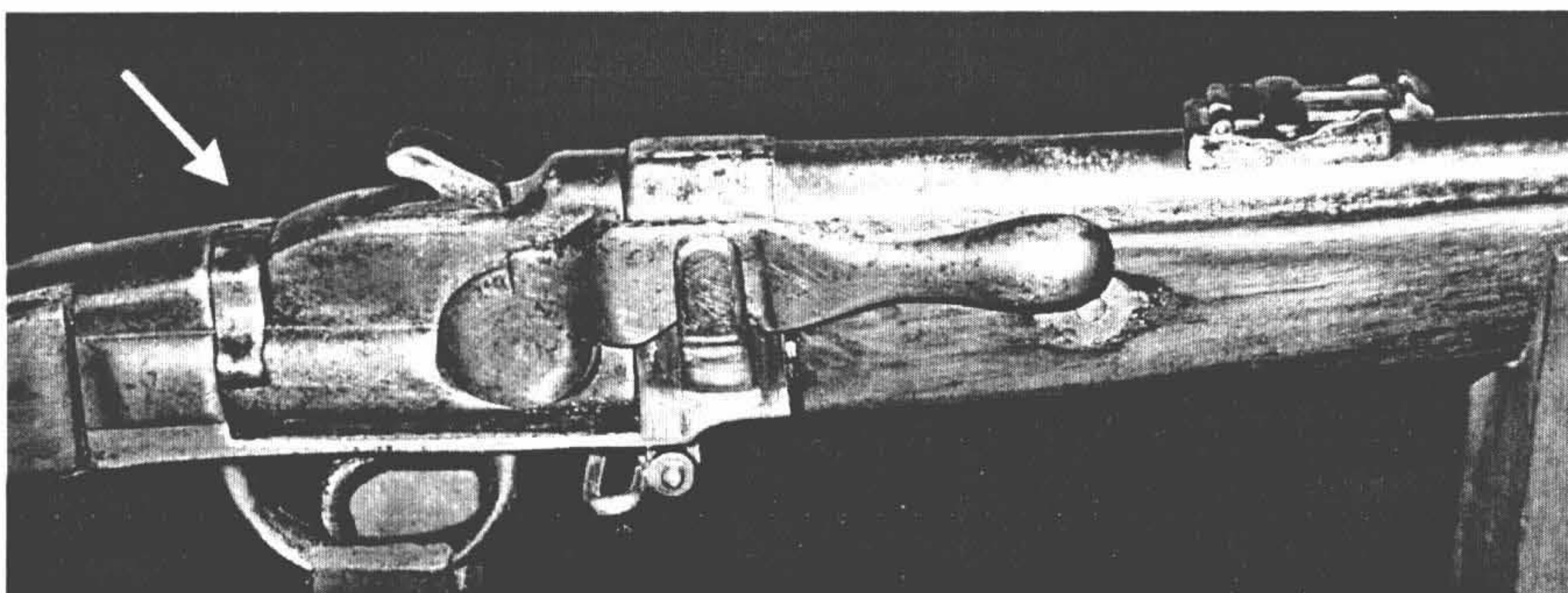


Figura 10 – Detalhe do mecanismo do mosquetão da coleção do Sr. Alberto. A seta marca a alavanca T, já transferida para a posição lateral do cano, diferentemente do desenho da patente e da arma do MHN.

Daí a explicação mais provável que podemos encontrar para a compra das armas Chuchu foi que esta ação tinha a finalidade de prestigiar um inventor nacional – o que talvez explique o contrato um tanto atabalhado, que sequer previa a compra de acessórios indispensáveis à manutenção da arma. Outra razão possível, mas muito menos provável, seriam problemas políticos, pois o governo do Estado solicitara, por várias vezes, a compra de armas ao Exército, compras essas que não chegaram a se concretizar. Como a Bahia tinha sido um dos Estados que tinha demorado a aderir à Proclamação da República, é possível que a aquisição no mercado particular fosse a única alternativa aberta aos governantes, mas isso não nos parece ser plausível.

O Mosquetão Chuchu regulamentar

Apesar do número limitado de armas fabricadas, pode-se tecer algumas considerações sobre o mosquetão Chuchu modelo 1891 da polícia da Bahia. Os exemplares examinados têm um cano de Comblain tendo neles gravada a

marca L&T, da fábrica *Lambin et Théathe*, que funcionou em Liege de 1886 a 1894. Consideramos interessante frisar que esta fábrica, detentora dos direitos da patente de Comblain, era representada na Bahia por Athanazio Chuchu. As armas regulamentares da polícia baiana tinham o comprimento de 1.080 mm, calibre de 11 mm. Apresentavam escrito sobre o mecanismo “A CHUCHU PATENT” e o número da patente belga (10.545), o número de série da arma estando no suporte da baioneta. Diferem do modelo da patente por terem a alavanca para remoção do bloco colocada logo atrás e à direita do bloco. A alavanca de armar também é muito mais anatômica.

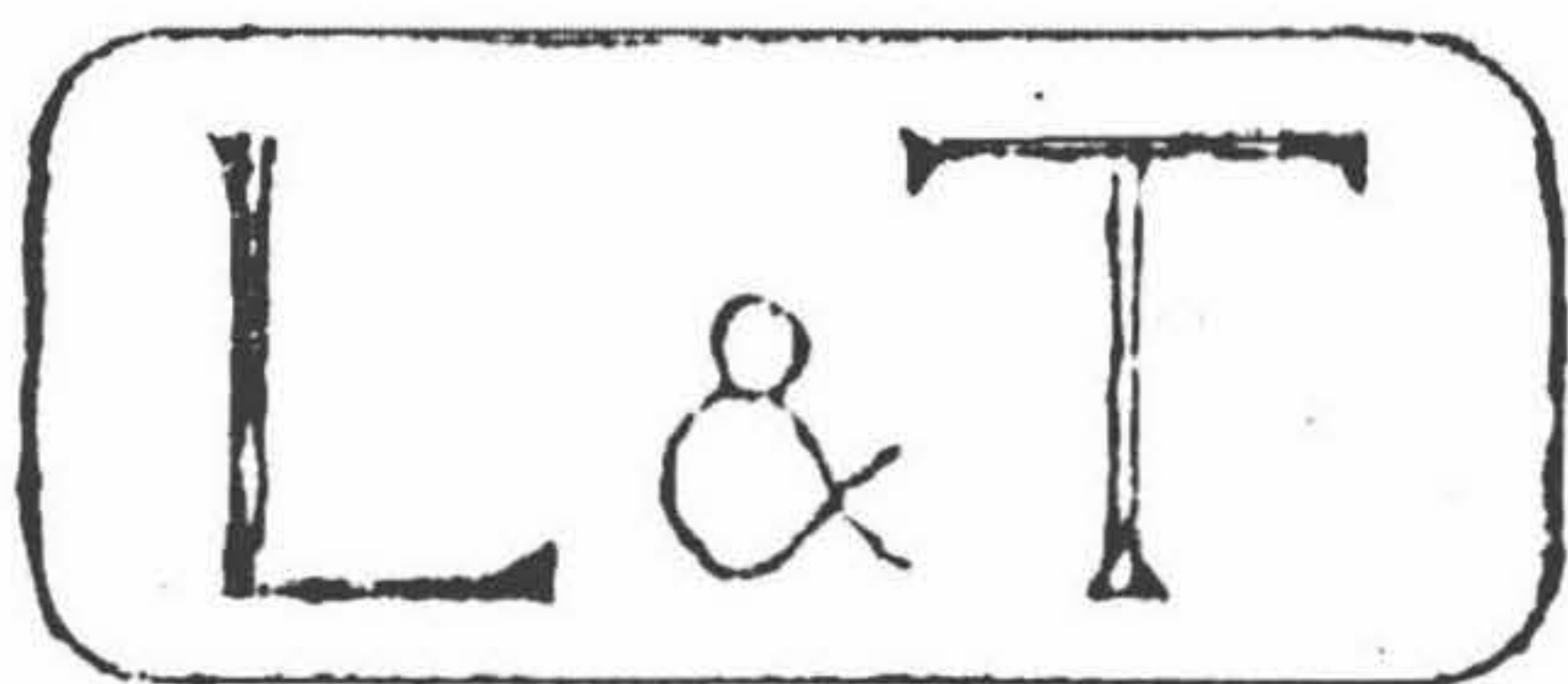


Figura 11 – Marca de banco de prova das armas fabricadas por Lambin et Théate

O mosquetão modelo 1891 foi fabricado em pequenos números, sendo uma arma que é dificilmente encontrada nos dias de hoje. Isso talvez explique o fato de não existirem referências documentais maiores sobre o Chuchu. Mesmo o maior incidente militar da história da Bahia, Canudos, não gerou dados sobre o uso da arma. As fotografias existentes da polícia da Bahia na campanha de 1897 não permitem identificar que arma estão usando, podendo ser tanto Comblains como Chuchus.

E assim gostaríamos de terminar por um último ponto: por que um mosquetão? No Exército, esse tipo de armamento era de uso individual dos soldados de artilharia e engenharia, mas as polícias estaduais não tinham esses tipos de tropa em seus quadros. A cavalaria do Exército usava clavinas de repetição (por essa época Mannlichers mod. alemão de 1888), logo, não conseguimos traçar qualquer paralelo entre essa arma e as forças do Exército. Será possível que a cavalaria de uma outra força policial estivesse armada com ela? Isso é bem lógico, já que as clavinas usadas pelo Exército não tinham baionetas e os mosquetões as tinham (é justamente essa a maior distinção entre o que é uma clavina e um mosquetão). No final do século XIX, os policiais não dispunham de cassetetes, substituindo-os pelas espadas (usadas, naturalmente, com a folha e não com o gume!), sendo que as longas baionetas das Comblains eram apreciadas como arma



Figura 12 – 5ª Batalhão de Polícia em Canudos, foto de Flávio de Barros, acervo do Arquivo do Exército.

de polícia – será que foi essa a razão da escolha de um mosquetão?

Infelizmente, no momento, não temos condições de resolver os problemas ainda existentes no tocante à história dessa pouca conhecida arma – a primeira desenhada por um brasileiro a ser fabricada em série. Chuchu desapareceu discretamente de nossa história. A última informação que localizamos sobre ele é que, em 1908, Athanazio Chuchu patenteou mais uma nova invenção – ainda uma máquina de matar, mas agora não contra pessoas, senão contra formigas!²³

Um dos problemas – que pode ser exemplificado no caso de Chuchu é que, apesar do projeto de Mário de Andrade para o Serviço do Patrimônio Artístico Nacional, de 1936, já prever um museu de “artes aplicadas e técnica industrial”, este nunca foi criado e os museus de história existentes não têm condições de dedicar muito tempo à ques-



Figura 12 – Detalhe do desenho da patente de Chuchu relacionada a uma máquina de matar formigas.

tão da história das técnicas. O resultado, inevitável, é a perda – crescente – de informações e dados sobre a nossa história. A situação só não é totalmente lamentável, pois alguma coisa foi preservada, como é o caso de objetos do acervo do Museu Histórico Nacional.

NOTAS

1. WINANT, Lewis. *Firearms Curiosa*. New York: Bonanza, 1955, p.260
2. Em 1881, a Comissão de Melhoramentos do Material do Exército, órgão de pesquisas e desenvolvimento do Exército, na segunda metade do século XIX, mandou estudar as lanças paraguaias, troféus de guerra, que se encontravam guardadas no Museu Militar, no Asilo dos Inválidos da Pátria. Cf. CASTRO, Adler Homero Fonseca de. A lança: a arma do centauro dos Pampas, *Jornal Armaria*, ano III, n. 13, 1994.
3. Instruções para a sala destinada ao depósito de troféus e diferentes outros objetos militares. Anexa ao aviso do ministro 1ª Seção 1ª Diretoria, de 19/12, publicada em ordem do dia do Arsenal de Guerra, de 22/12/1865. Mss. Arquivo Nacional. Este teria sido o primeiro museu militar no Brasil.
4. A arma de Chuchu não foi a primeira arma desenhada no Brasil, havendo pelo menos duas outras anteriores, como a de Paulino Antônio Callado, patenteada em setembro de 1880. Contudo, não há nenhum dado apontando que essas duas armas tenham sido efetivamente fabricadas.
5. Uma grafia variante para o nome do Armeiro é Chuchú, com acento, forma como aparece em alguns documentos.
6. VILLE DE LIÈGE – Echevinat de la Culture, des Musées et de Tourisme. *Prestige de l'Armurerie portugaise*. La Part de Liège. Liège : Musée d'Armes de Liège, 1991, p. 141.
7. GONÇALVES, J. J. (alferes). O mosquetão Chuchu. *Revista do Exército Brasileiro*. Ano V, 1886, p. 42.
8. VILLE DE LIÈGE – Echevinat de la Culture... *Op. cit.*, p. 141.
9. PATENTS Abridgements Class Small-Arms. Registro 3543. March 12, 1886.
10. Memorial descritivo acompanhando um pedido de privilégio durante 15 anos no Império do Brasil, para um “novo sistema de espingarda e pistola de guerra, denominado sistema Chuchu”;

Invenção de Athanase Chuchu, cidadão brasileiro, armeiro, domiciliado na cidade da Bahia n'este Império. Rio de Janeiro, 12/2/1886, ass. Como procurador Jules Géraud. Mss. Arquivo Nacional.

11. GONÇALVES, J. J. (alferes). O mosquetão Chuchu... *Op. cit.*, p. 42.

12. Idem.

13. Memorial descritivo... *Op. cit.*

14. BRASIL – Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro. *Portaria do Diretor do Arsenal de Guerra da Corte, General Aires Âncora ao 3º Ajudante, 26 de março de 1886*. Mss. Arquivo Nacional; BRASIL - Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro. *Ordem relativa a aplicação do mecanismo do armeiro Chuchu em seis armas do sistema Comblain. Escritório da 3ª Seção do Arsenal de Guerra da Corte, em 20 de Março de 1886*. Mss. Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro. Mss. Arquivo Nacional e BRASIL – Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro. *Ordem relativa a carabina Chuchu. Escritório da 3ª Seção do Arsenal de Guerra da Corte, em 15 de dezembro de 1886*. Mss. Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro.

15. Agradecemos ao Sr. Aldo João Alberto pela indicação referente a esta arma.

16. A arma do Sr. Alberto tem 1.078 mm de comprimento, com o cano de 666 mm e um número de série 821. Também tem uma inscrição que parece indicar o calibre de 10,2 mm, que supomos seja algo relativo às armas Winchester .44/40, já que ela recebe esses cartuchos, e não os regulamentares do Exército, 11 x 42 mm. Certamente não é uma arma feita artesanalmente, o que nos leva a supor que seria um exemplar para o mercado civil. Novamente agradecemos ao apoio do Sr. Alberto, que nos forneceu os dados sobre essa rara peça de coleção.

17. BARROSO, Gustavo Dodt. *Inventário da Coleção de Armas do Museu Histórico Nacional*. s.d.

18. BAHIA – Governo Provincial. *Relatório com que o Exmo. Sr. Cons. Dr. Manuel do Nascimento Machado Portela passou administração da província ao Exmo. Sr. Dr. Aurélio Ferreira Espadeiro no dia 1º de abril de 1889*. s.n.t.

19. BAHIA – Regimento de Polícia. *Relatório do coronel comandante do Regimento de Polícia da Bahia, Francisco Joaquim Pereira Caldas ao contra-almirante Joaquim Leal Ferreira, Vice-Governador do Estado da Bahia. Salvador, Quartel da Mouraria, 28 de março de 1892*. Anexo ao relatório do Governador do Estado, de 1892. s.n.t. O grifo é nosso.

20. Idem. *Relatório do Regimento policial anexo ao Relatório do governador da Bahia de 1892*.

Policarpo Ferreira Campos, Coronel Comandante, 20 de março de 1893. Anexo ao relatório do Governador da Bahia de 1893. s.n.t.. O grifo é nosso.

21. VILLE DE LIÈGE – Echevinat de la Culture, des Musées et de Tourisme. *Prestige de l'Armurerie portugaise. La Part de Liège*. Liège: Musée d'Armes de Liège, 1991, p. 163.

22. BAHIA – Regimento Policial. *Relatório do comandante do Regimento Policial, Cel. Maximiliano dos Santos Menezes ao governador do Estado da Bahia*. s.n.t [1895]. O grifo é nosso.

23. Memorial descritivo de um pedido de privilegio, na república dos Estados Unidos do Brasil, para "UMA MAQUINA DESTRUIDORA DE FORMIGAS, DENOMINADA "CHUCHU". Invenção de Athanase Chuchu, domiciliado na Bahia. Rio de Janeiro 10/4/1908. Mss. Arquivo Nacional.